

Borja da Costa: Um Poeta e uma Fundação Quando florescer o arroz...

Maria Júlia Fernandes

Jornalista

*Qual é a causa porque o teu milho não espiga
Qual é a causa porque o teu arroz não floresce
Qual é a causa da tua fome
Qual é a causa do teu suor sem fim*

(Kolele Mai, Francisco Borja da Costa)

FRANCISCO BORJA DA COSTA MORREU NO PRIMEIRO dia da invasão indonésia de Timor, 7 de Dezembro de 1975. Estava ocasionalmente a dormir num lar de estudantes em Díli. Saiu à rua para ver o que se passava e foi imediatamente atingido por um projectil. Morreu logo. Não foi um fim imprevisível, dadas as ligações políticas de Borja da Costa, mas chegara cedo de mais. Terminava assim uma vida, calava-se uma voz que prometia dar a Timor muitos e variados cantos. No entanto, hoje quando alguém cantar o hino nacional timorense vai estar a repetir as palavras escritas por Borja da Costa.

O Poeta

«*Qual é a causa porque o teu milho não espiga, qual é a causa porque o teu arroz não floresce...*» A pergunta é de estilo. O poeta pretende apenas chamar a atenção para o sofrimento do seu povo cuja causa, não respondida no poema (*Quem exactamente é o causador?*), está implícita... é o colonialismo. O poema não tem data, ignora-se quando Borja da Costa o escreveu e em que circunstâncias. Mas a maior parte do que escreveu, ou que pelo menos se conhece dele, é uma exaltação ao seu povo... o povo timorense. Uma vida curta, que não chegou a presenciar o drama da ocupação de Timor com todo o seu cortejo de desgraças.

Francisco Borja da Costa nasceu a 14 de Outubro de 1946, em Fatu Belac, na circunscrição de Manatuto, filho do *liurai* Antonio Costa, do posto de Fatu Berliu.

Naqueles tempos subsequentes à II guerra, ainda estava fresca na memória a presença dos



Campos de arroz em Baagia, Baucau.
Fotografia de Luís F. R. Thomaz.

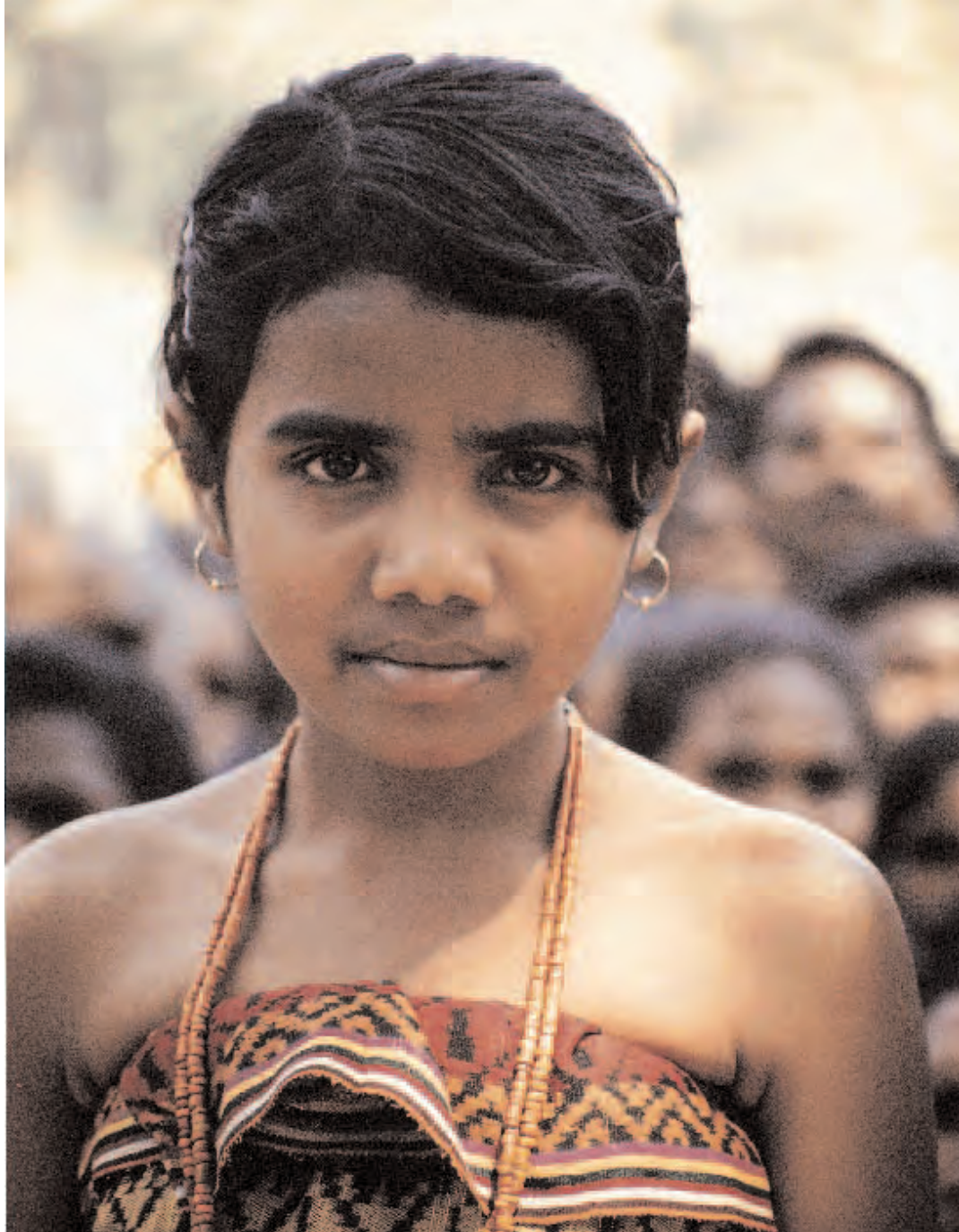
japoneses que ocuparam a colónia em nome do Eixo e os campos de concentração que criaram na ilha, e as histórias da resistência de alguns timorenses que pagaram com a vida a rebeldia de se terem oposto aos invasores.

Na terra de Francisco, onde o pai representava a autoridade tradicional máxima, vivia-se de forma simples, da agricultura e das manadas de búfalos que engordavam à conta da comida farta dos campos fertilíssimos no total respeito pelas tradições. Tal como no restante território, não havia indústrias e todos trabalhavam na agricultura, salvo os raros funcionários do

governo e os sacerdotes a quem competia zelar pelo lado espiritual cristão da vida dos timorenses.

Borja da Costa seguiu o percurso das crianças do seu tempo no seio de uma família tradicional, alargada a 16 irmãos e aos restantes parentes, à sombra do Monte Ramelau, morada dos espíritos dos antepassados, numa paisagem amena pontilhada de *knuas*, embalado pelo lento desfiar de genealogias recitadas pelos mais velhos.

Ainda fez a antiga quarta classe em Soibada e depois seguiu para a escola em Díli e para o



emprego na função pública, dos poucos possíveis numa ilha sem grandes saídas que não fossem a agricultura, a vida religiosa ou a administração colonial.

Mas, Francisco tinha outras ambições que passavam por um futuro diferente para a sua ilha. Como muitos jovens da mesma geração, ligou-se aos grupos políticos que queriam a independência para o território. Foi um dos fundadores da FRETILIN e o seu nome estava numa lista de gente a abater que os indonésios já levavam na invasão.

Era um homem discreto, extremamente magro, de olhos vivos, amável e conversador embora cheio daquela reserva polida que os timorenses demonstram sempre nos primeiros contactos. No fundo da alma, era diferente de muitos outros do seu tempo. A par da paixão pela ilha onde queria ver nascer um país a sério, amava a leitura, a escrita e a poesia.

Ainda em Timor, tinha poetas que amava mais do que outros, como por exemplo Antero de Quental e Fernando Pessoa; depois, quando veio para Lisboa, lia tudo o que podia. Uma amiga que o conheceu então lembra-se de ele «*andar sempre com a eterna mochila do tempo da tropa* (passada em Timor) *e com um bloco de notas, a escrever tudo o que o impressionava*».

O 25 de Abril de 1974 encontrou-o, por acaso, em Lisboa onde chegara uns meses antes para estagiar no *Diário de Notícias* e em *O Século*. Já Borja da Costa havia escolhido uma profissão: era jornalista do semanário a *Voz de Timor* para onde regressaria depois do estágio.

Na capital, juntou-se aos poucos estudantes timorenses que aqui viviam, cerca de vinte dos quais, talvez, sete fossem universitários. Mobilizado pelos acontecimentos políticos, o grupo ocupou a Casa de Timor, uma associação dirigida por antigos governadores de Timor. Depois de informarem o MFA das suas intenções de democratizarem o espaço considerado «colo-

nialista», convocaram um plenário de todos os timorenses a viver em Lisboa e proclamaram a «Casa dos Timores». Situava-se nas imediações do Teatro Maria Matos e não sobreviveu ao ano de 1978.

Na «Casa dos Timores», Borja da Costa sentia-se iluminado, dava largas às suas artes de bom conversador, promovia saraus culturais, dizia poesia e chamava a atenção para uma cultura completamente desconhecida da gente da metrópole. Dizem alguns companheiros desse tempo que muitos dos poemas de Borja da Costa foram escritos no ambiente caloroso da «Casa dos Timores».

Em Setembro desse ano revolucionário, Francisco já estava em Timor para juntamente com outros camaradas (Mari Alkatiri, Nicolau Lobato, Abílio e Guilhermina Araújo, Xavier do Amaral, entre outros) fundarem oficialmente a Fretilin (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente), herdeira de uma outra organização, a ASDT (Associação Social Democrática Timorense) que também perseguiu ideais independentistas.

O nome Fretilin, foi, aliás, proposto pelo próprio Borja da Costa.

Regressa quase a seguir para Lisboa, para novo estágio, desta vez, no Jornal *República* e parte novamente para Timor onde, em 7 de Dezembro de 1975, se encontrou com a morte sem nunca ter tido tempo, sequer, para pegar em armas contra o exército invasor.

Deixou uns tantos poemas, ao certo não se sabe quantos, porque ou se perderam ou nunca saíram dos caderninhos onde foram escritos e os caderninhos também levaram sumiço na guerra destruidora que se seguiu à sua morte. No entanto, alguns ainda deram à estampa em publicações várias.

Uma das poesias mais conhecidas veio publicada no último número da revista *Coral*, e tem por título «Um minuto de silêncio»:

Calai / Montes / Vales e fontes / regatos e ribeiros / pedras dos caminhos / E ervas do chão, / calai; calai / Pássaros do ar / E ondas do mar / Ventos que sopram nas praias que sobram / de terras de ninguém, / Calai; Calai / Canas e bambu s/ Árvores e 'ai-rús' / palmeiras e capim / na verdura sem fim / do pequeno Timor ,/ Calai / Calai-vos e calemo-nos / POR UM MINUTO / É tempo de silêncio / no silêncio do tempo / ao tempo da vida / PELA PÁTRIA / PELA NAÇÃO / PELO POVO / PELA NOSSA / LIBERTAÇÃO / CALAI UM MINUTO DE SILÊNCIO.

Na opinião de um amigo e companheiro de percurso que com ele musicou alguns versos, Abílio Araújo, os poemas de Francisco Borja da Costa apresentam uma inovação que, se não fosse por outras qualidades, faria dele um nome grande na poesia de Timor. «*Ele agarrou a poesia tradicional em Tétum clássico, e recriou-a adaptando-a, nomeadamente com recurso à utilização dos paralelismos, a repetição sincopada de uma ideia. Ao ler o que ele escrevia, quem compreende Tétum sente que está a ouvir os discursos poéticos ditos pelos homens sábios por ocasião das festas tradicionais timorenses, como o barlak (o casamento gentilício), por exemplo*».

A utilização dessa técnica é visível nestes versos:

Maun-alin alin-maun see tilun mai

Irmãos Escutai!

Oh! Rona, maun-alin sira, oh!

Ouvi, Irmãos!

Ita mesa oa kiak, mesa ema kiak

somos filhos de gente pobre, somos gente necessitada

Mesa mesa oa kiak, mesa ema kiak

todos de gente necessitada, todos de gente pobre

Tan sa, Ta see, tan ba sa

Por quê, por quem, por causa de quê?

Tan sa, tan see, tan ba see,

Por quê, por quem, por causa de quem

Tan matan ema taka, neon ema taka

Porque nos vendaram os olhos e nos impediram de pensar

Tan ema taka dalan, ema deo dalan

Porque cancelaram e obstruíram o nosso caminho

A Fundação

Num bairro residencial de Lisboa, uma porta fechada deve intrigar os vizinhos que habituados durante anos a uma actividade regular de entradas e saídas à hora do expediente, deixaram de ver movimento naquela casa de timorenses. Mais intrigante ainda deve parecer a placa, discreta, maltratada pelo tempo que assegura ser aquela a *Fundação Austronésia Borja da Costa*. Pela porta entraram caras conhecidas que hoje fazem parte do governo de Timor, ou que aparecem de vez em quando nos jornais e televisões ligados ao mais jovem país do mundo.

Lá dentro, ainda há um ou outro *tais* (pano de algodão tecido em casa) dos muitos que enfeitavam as paredes, uma ou outra miniatura da casa típica de madeira com telhados muito inclinados e estacas que a separavam do chão de terra, uma fotografia de um búfalo de trabalho, dentro do rio, a ajudar um camponês, papéis e livros. Mas que casa misteriosa é esta?

Onze anos depois da morte de Francisco Borja da Costa, já ia longa a lista de dramas e mortes em Timor, nascia em Lisboa uma fundação que leva o seu nome: *A Fundação Austronésia Borja da Costa* (FABC).

Erguida graças aos apoios de ONG's (organizações não governamentais) estrangeiras, nomeadamente da Holanda, da Suécia e de Inglaterra, a instituição de que eram fundadores alguns dos antigos companheiros timorenses do poeta, tinha, entre os seus objectivos, o estudo e a divulgação da Língua Tétum, a defesa, o desenvolvimento e a divulgação da cultura e identidade de Timor-leste.



© REGINA SANTOS

>
Tecelã de panos *tais*. Fotografia de Eduardo Gajeiro



Devido a questões internas que se prendem com diferenças de opinião (e desacertos políticos, até) entre os fundadores, a instituição que ainda mantém a sede não muito longe da antiga «Casa dos Timores», está adormecida desde 1993.

Ao longo de sete anos, a FABC, cujo símbolo é um sol radioso a nascer atrás do Monte Rame-lau, funcionou, de facto, como uma casa da cultura timorense em Portugal. Publicou obras como a *Cantolenda Maubere* (tri-lingue, Português, Inglês e Tétum) organizada pelo poeta timorense Fernando Sylvain; *Tebe*, colectânea de canções populares de Timor-Leste compiladas pelo maestro Simão Barreto; a revista *Coral*, de grande divulgação da História, Antropologia e Literatura de Timor, de que saíram três números.

Fez várias exposições sobre Timor, levadas às escolas de todo o país; organizou um levantamento bibliográfico (ainda por publicar) das obras e documentos sobre Timor existentes nas principais bibliotecas e instituições portuguesas.

Por último, e não menos importante, a FABC com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, distribuiu bolsas a jovens timorenses que assim puderam completar em Portugal estudos liceais e universitários. Foram atribuídas mais de 200 bolsas.

No entanto, apesar das portas da Borja da Costa estarem fechadas, as bolsas suportadas pela Gulbenkian nunca deixaram de ser distribuídas até hoje e os assuntos são tratados quando é preciso. O Luís encarregou-se dessa tarefa que mantém religiosamente e sem receber nada em troca. Mas o Luís não é só um timorense a viver em Lisboa, nem o antigo director-adjunto da revista *Coral* nem apenas o professor de Tétum que escreveu um dicionário de Tétum-Português e um guia de conversação na mesma Língua. O Luís é irmão do poeta Francisco Borja da Costa.